

CLÁSSICOS PARA CRIANÇAS

booksmile



Peter Pan

Índice

CAPÍTULO UM	
O Rapaz que Nunca Cresceu	7
CAPÍTULO DOIS	
Sigam-me!	17
CAPÍTULO TRÊS	
O Voo	21
CAPÍTULO QUATRO	
A Ilha Desperta	25
CAPÍTULO CINCO	
A Casinha e o Esconderijo Subterrâneo	33
CAPÍTULO SEIS	
A Lagoa das Sereias	41
CAPÍTULO SETE	
A História da Wendy	49
CAPÍTULO OITO	
As Crianças São Levadas	53
CAPÍTULO NOVE	
Acreditas em Fadas?	57
CAPÍTULO DEZ	
O Combate no Navio dos Piratas	61
CAPÍTULO ONZE	
O Regresso a Casa	67

CAPÍTULO UM

O Rapaz que Nunca Cresceu

ESTA É A HISTÓRIA do Peter Pan, um rapaz que nunca cresceu e fugiu para a Terra do Nunca quando era pequeno. A Terra do Nunca é uma ilha que as crianças visitam nos seus sonhos e onde tudo pode acontecer. Para lá chegar, é preciso saber voar.

O Peter sabia voar. Às vezes, quando se sentia sozinho, regressava ao mundo humano e ficava à janela dos quartos das crianças,

ouvindo as histórias de embalar que as mães liam aos seus filhos.

Três crianças, chamadas Wendy, Michael e John Darling, viviam com os pais perto dos Jardins de Kensington. (Era um dos sítios preferidos do Peter. Podem encontrar lá uma estátua dele.)

As crianças tinham uma ama invulgar chamada Nana. Era uma grande cadela labrador que dormia numa casota no quarto. Se estivesse de guarda na noite em que o Peter veio, esta história poderia nunca ter acontecido.

A Sra. Darling era uma mulher feliz, que abraçava e beijava muitas vezes os seus filhos. O Sr. Darling era mais sério. Preocupava-se muito e não achava boa ideia que os filhos tivessem uma cadela como ama.

A Sra. Darling costumava contar histórias às crianças todas as noites. Depois, aconchegava-as na cama e acendia as luzes de presença do quarto. Enquanto arrumava, pensava no que sonhariam.

Se conseguisse ver o que lhes ia na cabeça, teria visto uma imagem da Terra do Nunca. Tinha uma lagoa, um navio de piratas, flamingos e um recife de coral. Havia uma floresta com animais ferozes, nativos selvagens e fadas.

A Sra. Darling estranhou que as crianças falassem tanto de um rapaz chamado Peter Pan. Disseram que «vivia com as fadas». O Sr. Darling achou que seria uma história tonta que a Nana lhes tivesse contado.

— Tudo isto por terem uma cadela como ama! — resmungou.

Um dia, a Sra. Darling encontrou folhas por baixo da janela do quarto das crianças.

— Deve ter sido o Peter a deixá-las cair — disse a Wendy. — É tão desarrumado!

— Mas estamos no terceiro andar. Como chegou aqui acima? — perguntou a Sra. Darling. — Deves ter sonhado!

Mas a Wendy não tinha sonhado. Na noite seguinte, a Sra. Darling bordava perto da

lareira no quarto das crianças e estava quase a dormir. A janela abriu-se de repente e um rapaz aterrou no chão.

Estava completamente vestido com folhas. Uma luz pequena e estranha seguia-o, voando por todo o quarto como se estivesse viva. Acordou a Sra. Darling, que soube imediatamente que o rapaz era o Peter Pan.

Gritou, assustada, e a Nana atirou-se ao rapaz, que fugiu pela janela. A Nana fechou logo depois a janela, entalando-lhe os pés da sombra. Pegou nos pés da sombra com os dentes e levou-a até à sua dona, que a enrolou e a guardou numa gaveta.

Na sexta-feira seguinte, o Sr. e a Sra. Darling foram convidados para uma festa numa casa algumas portas mais abaixo na sua rua. O Sr. Darling estava muito zangado com a Nana e decidiu que ela teria de ficar presa no quintal.

A Sra. Darling teve medo porque a Nana não parava de ladrar.

— Não é o seu ladrar habitual! — disse. —
Só ladra assim quando há perigo!

— Disparate! — respondeu o Sr. Darling. —
Depressa ou vamos chegar atrasados à festa!

Assim que a porta da rua se fechou, uma luz brilhante surgiu no quarto das crianças, voando em direção às gavetas e aos armários. Quando a luz ficou quieta por um instante, pôde ver-se que não era afinal luz nenhuma, mas sim uma fada chamada Sininho.

A seguir, foi o Peter em pessoa quem entrou pela janela.

— Vamos lá, Sininho — disse. — Mostra-me onde está a minha sombra!

A Sininho disse-lhe que estava numa gaveta. A sua voz era um tilintar de campainhas minúsculas.

O Peter puxou a sombra e fechou a gaveta, esquecendo que a Sininho continuava lá dentro. Tentou voltar a colar a sombra com água, depois com sabão, mas nada funcionava. Estava desesperado quando a Wendy acordou.

— Que se passa? — perguntou ela.

— A minha sombra não se cola a mim! —
queixou-se o Peter.

— Dá-ma cá — pediu a Wendy. — Vou
coser-ta!

O Peter ficou muito satisfeito por ter a sua
sombra de volta e a Wendy gostou tanto de o
ver assim que lhe ofereceu um beijo. O Peter
não sabia o que era um beijo, mas achou
que seria uma prenda e estendeu a mão. Em
vez do beijo, a Wendy deu-lhe um dedal e, a
partir desse momento, o Peter passou a chamar
«dedal» aos beijos!

Em troca do dedal, o Peter ofereceu à
Wendy uma das bolotas que serviam de botões
no seu casaco. A Wendy prendeu-a a uma
corrente e pendurou-a ao pescoço. Mais tarde,
a bolota iria salvar-lhe a vida!

O Peter contou à Wendy que tinha fugido
para viver com as fadas nos Jardins de
Kensington. Agora, vivia na Terra do Nunca
com os Rapazes Perdidos. Os Rapazes

Perdidos eram crianças que tinham caído dos carrinhos quando as amas se distraíram. Ninguém veio procurá-lo e foram enviados para a Terra do Nunca.

A Wendy perguntou-lhe pelas fadas.

— Uma vez, um riso de bebé partiu-se em mil pedaços — explicou o Peter. — Cada um desses pedaços se transformou numa fada. Mas as crianças de agora não acreditam muito em fadas. Sempre que uma criança diz «não acredito em fadas», há uma fada algures que cai morta!

Aquilo fez o Peter lembrar-se da Sininho, que continuava fechada na gaveta! Voou para fora, furiosa, e zumbiu às voltas pelo quarto.

A Wendy achou que a Sininho era encantadora, mas a Sininho odiou a Wendy e teve ciúmes dela. Quando o Peter deu um «dedal» à Wendy, Sininho puxou-lhe o cabelo, zangada.

CAPÍTULO DOIS

Sigam-me!

O MICHAEL E O JOHN também tinham acordado. Peter falou-lhes do bando dos Rapazes Perdidos, de que ele era o capitão, e das suas lutas contra os piratas.

— Não há também Raparigas Perdidas? — perguntou a Wendy.

— Não — respondeu o Peter. — Não temos irmãs nem mães que nos contem histórias e nos remendem a roupa.

— Pobre rapaz! — exclamou a Wendy. — Sei muitas histórias e podia remendar-vos a roupa.

Era isso mesmo que o Peter queria. Levar a Wendy e os irmãos consigo para a Terra do Nunca. Prometeu ensiná-los a voar.

No quintal, a Nana ladrava como louca. Sabia que alguma coisa estava mal. Por fim, partiu a corrente e correu para a casa onde decorria a festa. Chamou o Sr. e a Sra. Darling e correram pela rua fora tão depressa quanto podiam.

O Peter tinha salpicado as crianças com pó mágico e ensinava-os a voar.

— Basta abanarem os ombros e deixarem-se ir! — gritou, voando em círculos pelo quarto. Um a um, os irmãos levantaram-se das suas camas e seguiram-no.

— Estou a voar! Estou a voar! — gritava o Michael.

— Olhem para mim! — exclamou o John, batendo contra o teto. Usava o seu chapéu alto de domingo e parecia muito engraçado.

— Que maravilha! — gritou a Wendy, subindo no ar.

O Sr. e a Sra. Darling e a Nana viram a luz na janela do quarto das crianças. E viram também as sombras de três pequenas figuras nas cortinas, voando às voltas pelo ar. Não. Não eram três e sim quatro!

Subiram as escadas a correr e entraram pelo quarto adentro. Mas chegavam tarde demais. O Peter tinha dito «sigam-me» e voado para a noite escura com o John, o Michael e a Wendy voando atrás dele.

CAPÍTULO TRÊS

O Voo

O PETER DISSE que o caminho para a Terra do Nunca era fácil.

—Virar na segunda à esquerda e sempre em frente até ao amanhecer!

Mas pareceu-lhes que demorava muito tempo.

A princípio, foi divertido. As crianças voaram em círculos à volta de torres de igrejas e fizeram corridas entre as nuvens. Mas, com

a viagem a alongar-se, começaram a ficar cansadas e com fome. O Peter roubou comida dos bicos de pássaros que voavam perto deles, mas não era uma refeição a sério.

Finalmente, viram a Terra do Nunca lá em baixo. Era tal e qual como tinham imaginado. Viram a lagoa, as tendas dos peles-vermelhas e os animais selvagens.

Enquanto voavam por entre a copa das árvores, o Peter falou às crianças dos piratas e do seu terrível chefe, o Capitão Gancho. Já tinham ouvido falar dele. Era o pirata mais sanguinário que alguma vez navegara o Mar das Caraíbas.

— Cortei-lhe a mão direita! — disse o Peter, orgulhoso. — Agora, usa um gancho de ferro como se fosse uma garra! — As crianças arrepiaram-se.

— Têm de me prometer uma coisa — continuou o Peter. — Se enfrentarmos o Capitão Gancho numa luta, terão de o deixar para mim. — As crianças prometeram.

De repente, a Sininho aproximou-se para avisar que os piratas tinham carregado o seu maior canhão, o Grande Tom. Percebiam pela luz da Sininho onde estavam o Peter e os amigos e as crianças esconderam a fada dentro do chapéu alto do John, que a Wendy levava nas mãos.

Subitamente, ouviu-se um grande estrondo! O canhão tinha sido disparado. A explosão atirou-os ao chão e a Sininho e a Wendy ficaram separadas dos outros.

Era a grande oportunidade da Sininho. Continuava a sentir ciúmes da Wendy e queria livrar-se dela. Por isso, com a sua luz dourada, conduziu-a numa direção completamente errada.

Peter Pan

*O clássico de J. M. Barrie
contado aos mais pequenos.*

Peter Pan ensina a Wendy, o Michael e o John a voar, e leva-os para a Terra do Nunca, onde vivem a maior aventura das suas vidas. Juntamente com os Rapazes Perdidos, enfrentam o terrível Capitão Gancho e os seus piratas, conhecendo sereias e criaturas selvagens pelo caminho.



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt


livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-296-3

7+



9 789897 072963

Leitura Infantil